

Breve apresentação da filosofia africana

Ireneu Modesto Moises¹

Resumo: A filosofia, como ciência e estilo de vida, é indispensável para a existência humana. O debate sobre a filosofia africana é recente; ainda carece de conceitos e sistematização. Alguns filósofos africanos já começaram a empreender a sistematização do pensamento africano. O presente texto pretende fazer uma breve exposição do conceito da filosofia africana, sua origem histórica como debate e sua natureza específica. Implícita na apresentação é a perspectiva africana sobre a realidade, incluindo a realidade humana.

Palavras-Chaves: Filosofia Africana. Ontologia *Bantu*. Força Vital. *Ntu*

INTRODUÇÃO

A filosofia africana² é a contribuição da ideia africana sobre a realidade, na realização da humanidade. O que é que é humano que se manifesta na pessoa africana, de modo particular? De partida, fica claro que qualquer definição da filosofia africana implica necessariamente apresentar o significado de africano/a. E pode também tal filosofia ser considerada como identitária, na medida em que responde e apresenta o ser africano.

A filosofia africana como debate filosófico surge do discurso filosófico contemporâneo. A filosofia contemporânea, além de ser um dos períodos do processo histórico da filosofia ocidental, é também marcada pela profissionalização dos filósofos (GRAYLING, 2019, p. xv). Num processo de globalização, cada sociedade e cultura se preocupa em contribuir para a formação da cultura universal. Assim sendo, a filosofia africana é um dos instrumentos para a formação da cultura humana contemporânea. Antes de apresentar a definição da filosofia africana, convém apresentar brevemente a origem do debate da mesma.

1 A ORIGEM DA FILOSOFIA AFRICANA

A filosofia africana não surge das calmas águas do prazer e do lazer. O debate sobre ela, especificamente sobre sua existência ou não, é acionado pela reprovação da humanidade desenvolvida pelos africanos. Sob essa perspectiva, a filosofia africana é antes de tudo, defensiva ou passiva. Foi com os pronunciamentos (além dos outros) de David Hume, Immanuel Kant e George W. F. Hegel sobre a humanidade do africano que surgiram reações também filosóficas para apresentar a humanidade do mesmo.

1 Jesuíta Moçambicano e mestrando em filosofia na FAJE. Contato chiyembe@gmail.com

2 Filosofia africana, filosofia bantu são termos que significam a mesma coisa: atividade reflexiva levada a cabo pelos africanos ou adotando a perspectiva peculiar africana.

Hume, em seu ensaio *Dos Caráteres Nacionais*, em nota de rodapé de sua edição revisada afirma o seguinte “Estou apto a suspeitar que os negros e todas as outras espécies de homens em geral são naturalmente inferiores aos brancos. Nunca houve uma nação civilizada de outra cor que não é branca, nem mesmo qualquer indivíduo eminente, seja em ação ou especulação” (HUME, 2007, p. 213). Por sua vez, Kant, em seu livro *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime* diz o seguinte: “Os negros da África não têm, por natureza, nenhum sentimento que se eleve acima do ridículo... Tão essencial é a diferença entre esses dois tipos humanos, e parece ser tão grande em relação às capacidades da mente quanto em relação à cor” (KANT, 2011, p. 58-9). Em seguida, Hegel, em suas investigações sobre a *Filosofia da História* afirma o seguinte sobre o Espírito Africano:

A África não tem história e não contribuiu com nada que a humanidade se vangloria. A África propriamente dita, isto é, a África subsaariana, está envolta no manto escuro da noite, sem autoconsciência... É difícil compreender o peculiar caráter africano, pois em referência a ele, todos os princípios filosóficos aqui produzidos que acompanham as ideias ocidentais devem ser abandonados - isto é a categoria de universalidade. Não há nada de harmonioso com a ideia de humanidade a ser encontrado neste tipo de personagem... nenhum movimento ou desenvolvimento para exposições, portanto, não é parte histórica do Mundo. A África está no limiar da História do Mundo (HEGEL, 2007, p.91-99).

Essas opiniões de filósofos refletiam também o sentimento geral do Ocidente. Seria o resultado lógico de princípios filosóficos da manifestação filosófica ocidental? Admitindo que todos os princípios filosóficos que acompanham as ideias ocidentais não se aplica na realidade africana, em que princípio basear a ideia da humanidade africana? Diante de afirmações como essas e similares, alguns africanos e não africanos começaram a investigar e argumentar a favor da humanidade do africano. E, uma vez que é a razão que define e eleva o homem do animal, começou-se a fazer a filosofia africana. O interesse imediato foi o de investigar e expor a ontologia africana, o chão sobre o qual se constrói a dignidade e a identidade da humanidade africana. Haveria um conceito de humanidade unicamente africano e universalmente válido? Estaria, esse princípio, preservado nos provérbios tradicionalmente transmitidos de geração em geração oralmente? Portanto, o debate sobre a filosofia africana surge e é movido a defender e expor a humanidade e a racionalidade do africano, diante da exclusão filosófica do conjunto dos seres humanos. Tendo este pano de fundo, o que é a filosofia africana?

2 DEFINIÇÃO DA FILOSOFIA AFRICANA

Quando se fala da filosofia africana, é imprescindível que se fale primeiro da africanidade e como ela se manifesta filosoficamente. Qual é a ideia racional africana sobre a realidade? A concepção do africano ou África está ligada à cultura africana. Africano/a pode ser

concebido como pessoa de África, especialmente negra, nativo de África ou negro de raça africana. Neste sentido, quando se fala de ideia africana significa, essencialmente a ideia do Negro. O elemento racial é constitutivo na definição do africano conseqüentemente, da filosofia africana. E geograficamente se limita à África subsaariana (propriamente África). Como instrumento investigativo, o presente trabalho adota o conceito que inclui negros originais de África (geograficamente e racialmente) mas também aqueles que o são por fatores históricos de várias naturezas como característica principal na definição do africano (MAKUMBA, 2014, p. 39). Portanto, africano/a pode ser qualquer pessoa que encarne em si a ideia africana ou a partir dela interpreta o mundo.

Quem pode contribuir para o desenvolvimento da cultura africana? Quem está de fato vivendo em África? Ou quem provém de África e vive na diáspora? Ou quem não provém de África, mas que se encontra em África, levando uma vida africana? Um conceito de africanos que inclui não somente a raça, mas os três fatores acima mencionados, traz à luz, a humanidade, como horizonte. Diante de tudo isso, o que é que define a filosofia africana? Três características definem a filosofia africana: filosofia africana é definida como aquela que é escrita, criada ou proposta por uma pessoa de origem africana; essa perspectiva considera como investigação filosófica, e portanto africana, as ideias do antigo Egito, Etiópia e continua nos filósofos africanos profissionais. Aqui não importa tanto os temas, podem ser especificamente africanos com alcance universal e vice-versa. Apresenta o rigor filosófico ocidental.

Em segundo lugar, é filosofia africana aquilo que é escrito, criado e proposto no continente africano; ao mesmo tempo também se procura a filosofia escondida nos provérbios da tradição literária oral. Aqui, e na primeira definição de filosofia africana, a escrita é apresentada como essencial no protagonismo histórico. E, por fim, filosofia africana é definida como aquilo que lida ou debruça-se sobre problemas africanos ou culturas africanas (MAKUMBA, 2014, p. 40). A escrita passa a ser um dos elementos característicos, ou como manifestação histórica, ao lado da tradição oral. Contudo, uma definição não é suficiente para estabelecer aquilo que pode ser considerado como filosofia africana. O fator racial e originário é o menos importante. O objeto de estudo, isto é, o tema é que torna tal investigação filosófica africana quando tem a pessoa africana e sua realidade como ponto de partida. E essa é a definição da filosofia africana que o presente trabalho emprega: segundo as condições peculiares do negro, como é que as suas ideias sobre a realidade, incluindo a humana, foram desenvolvidas?

Desde logo, se sublinha a necessidade de a filosofia africana evitar a defesa extrema de sua identidade sob o risco de perder a filosoficidade da mesma. Ao mesmo tempo, não pode se tornar tão filosófica sob o risco de perder a perspectiva e sua relevância. O discurso filosófico africano não pode ser feito em total isolamento. O surgimento do debate sobre a filosofia africana começa com o contacto com a filosofia ocidental. O encontro entre duas realidades distintas, sempre constituiu o momento de revelação. Contudo, a definição e o desenvolvimento da filosofia africana não podem ser guiados somente por razões identitárias. É preciso demonstrar a filosoficidade do pensar e agir humano africano.

Influenciados pelo desdobramento da tradição filosófica ocidental, alguns consideram filosofia todas as investigações similares e obedientes aos cânones da filosofia ocidental; isto é, deve ser individual, escrita e argumentativa. Nesse sentido, a filosofia africana é definida como sendo uma investigação sobre a realidade, escrita e desenvolvida por uma pessoa africana. O filosófico da cultura africana é avaliado através da perspectiva histórica do espírito filosófico ocidental. E conseqüentemente, o filosófico da africanidade reside no seu contacto com o Ocidente e como extensão do mesmo.

Por muito tempo, assim se pensou do africano e da África. E todo o processo da colonização, escravatura e imperialismo era justificado com base na civilização ou humanização do selvagem africano. Haveria uma ideia da interpretação do mundo tipicamente africano? É possível investigar a interpretação do enigma da vida, do mundo e da realidade segundo uma perspectiva africana? Algumas pessoas, movidas pelo desejo de apresentar a humanidade, o conceito para o qual aponta a ideia africana, publicaram suas investigações. Uma dessas pessoas é Placide Tempels. Em seu livro *La Philosophie Bantoue*, Tempels estabelece o princípio fundamental da ontologia Bantu, isto é, o princípio através do qual interpretam o mundo e a realidade.

3 LA PHILOSOPHIE BANTOUE DE PLACIDE TEMPELS: BREVE APRESENTAÇÃO DO ARGUMENTO

Um dos instrumentos empregados no processo da civilização do negro era a religião, donde os missionários e missionárias eram os agentes de linha de frente. Esta era auxiliada pelo braço armado político, os militares. Placides Tempels foi um desses agentes. Sacerdote católico e missionário belga, Tempels tenta humanizar os africanos através da catequese adaptada. Contudo, uma observação recorrente o faz indagar sobre a eficácia dos processos e os métodos utilizados até então. Tempels se indaga:

Por que é que o Negro não muda? Por que é que o pagão, o não-civilizado fica estável, enquanto o evoluído, o cristão, não fica? Verificamos em muitos dos nossos Bantu, evoluídos e civilizados, e mesmo cristãos: regressam à sua antiga atitude sempre que se encontram sob a influência de contrariedades, de perigos ou de sofrimento. É porque os seus antepassados lhes deixaram a sua solução prática para o grande problema humano: o problema da vida e da morte, da salvação e da condenação. Numerosos *Bantu*³, superficialmente convertidos ou civilizados, possuídos por uma força determinante, regressam aos comportamentos e concepções herdadas de seus antepassados (TEMPELS, 2018, p. 37).

E logo conclui: “observa-se, entre os Bantu, a impossibilidade da oposição aos chefes por causa do medo em romper o elo místico que se estabelece entre os chefes e os antepassados”

3 Ser humano ou ser humano específico, o africano.

(TEMPELS, 2018, p. 40). É sobre este enigma que as investigações filosóficas de Tempels tentam desvendar. Procura no “elo místico” e na “influência dos antepassados” o instrumento intelectual, os conceitos e princípios fundamentais filosóficos Bantu. Tempels acaba propondo que segundo essas mesmas investigações, o africano, até hoje relegado e considerado como o *nyama* (animal) é na verdade o *muntu* (homem), chamados á realização humana no *Ubuntu* (ser humano).

A filosofia Bantu de Tempels investiga a originalidade do pensamento africano. Isso se traduz na sistematização e exposição da ontologia *Bantu*. Este caminho é importante para o tema principal de nossas investigações: qual é e deveria ser a contribuição original do Negro no processo da humanização do homem? Pretende-se, com isso a sistematização moral-filosófica do fim último do homem, segundo a perspectiva da filosofia Bantu. Por onde começar?

A vida e a morte condicionam e determinam o comportamento do ser humano. Isso implica dizer que a racionalidade humana, universal em sua tendência, se manifesta de maneiras diversas: “O comportamento humano é condicionado pelo sistema de princípios. Por exemplo, a teologia cristã é o substrato do comportamento ocidental. Da mesma forma, deve existir sistema de princípio ou o Princípio fundamental sobre o qual se funda o comportamento *Bantu*” (TEMPELS, 2018, p. 40). Este princípio Bantu pode ser investigado e encontrado na sabedoria Bantu que se manifesta em todas as esferas da vida humana. A partir desse princípio, traça-se, em seguida, o pensamento profundo dos Bantu, para depois penetrá-lo e analisá-lo.

Da observação da sabedoria africana, presente nos costumes *Bantu* e em seus provérbios, se destaca o seguinte: o comportamento Bantu é condicionado por elementos do pensamento do “elo místico” e da “influência das forças” (TEMPELS, 2018, p. 40). E o que é que isso revela? O elo místico e a influência de forças como elementos do pensamento *Bantu* apresentam-se como instrumentos intelectuais, conceitos e princípios fundamentais da filosofia *Bantu*. Toda a tradição e cultura Bantu se baseia num único princípio do “reconhecimento íntimo dos seres” (TEMPELS, 2018, p. 41). Este princípio filosófico explica, interpreta e justifica a totalidade da realidade ao Bantu.

4 A ONTOLOGIA BANTU DA FORÇA VITAL: A NOÇÃO DO SER

O pensamento filosófico *Bantu* é diferente do pensamento filosófico ocidental. A filosofia Bantu não é mágica, como outrora interpretada (TEMPELS, 2018, p.54). Entre os Bantu, a concepção da vida, da existência e da realidade em geral está centrada no único valor da Força Vital, o *Ntu*. O valor da força vital como conceito penetra e permeia toda a realidade. Portanto, na filosofia *Bantu*, o conceito ontológico de *Ntu* ou Força Vital é inseparavelmente ligado ao conceito do ser e por assim dizer superior ao ser. Ora vejamos: “onde se vê seres concretos, os Bantu veem forças concretas. Onde os seres se distinguem pela sua essência ou natureza, para os Bantu as forças se distinguem segundo a sua essência e natureza” (TEMPELS, 2018, p.64). Em última análise, para os Bantu todo o ser é força e pura energia.

A noção do ser na filosofia Bantu encontra-se atrelada à noção de forças. Força é o elemento sobre o qual o ser é pensado. Não existe ser sem forças. E toda força é ser. E conseqüentemente a metafísica Bantu postula o seguinte: ser é tudo aquilo que possui força. E realidade última só pode ser a origem e a mãe de todas as forças, *Ntu*. Força é o elemento necessário em todo ser. Sem o elemento força, o ser não é.

Alexis Kagame, filósofo Ruandês, expande e explicita o conceito da ontologia Bantu em seu livro *La philosophie Bantu comparée*, classificando *Ntu* em quatro categorias. Através das línguas Bantu, Kagame encontra marcadores de compromissos ontológicos que são compartilhados entre todos os falantes dessas línguas. Kagame resume o sistema categorial do pensamento Bantu observando que a categoria mais geral é designada pela raiz *Ntu*, significando “ser” ou “existente” ou “algo”. Segundo a ontologia Bantu, existe quatro categorias mais básicas do ser, ou precisamente, das forças: “*Muntu* (existente com inteligência, ou pessoa); *Kintu* (existente sem inteligência, ou coisa); *Hantu* (localização do existente, ou espaço-tempo); *Kuntu* (existente modal, ou o modo de ser de um existente). Tudo isso faz parte do que Kagame descreve como metafísica geral *Bantu* (KAGAME, 1976, p.121-122).

CONCLUSÃO

A filosofia africana, em sua origem, é uma contestação às opiniões formadas sobre a humanidade do africano. O conteúdo da filosofia africana, a ontologia da Força Vital, é a perspectiva e a chave de interpretação intelectual da realidade do *muntu*, o homem africano. Todo o pensamento, toda a opinião e a perspectiva africana sobre a realidade e o mundo são tocados, permeados, formados, informados e elucidados pela noção da existência do ser como força. Porque o africano vive e se relaciona com os seres como se fossem forças. O debate propriamente africano sobre a sua filosofia terá que refletir sobre a realidade adotando a perspectiva da força vital. Mais precisamente, mostrar a relação lógica entre a Força Vital e a ética *Bantu* pode ser um exercício importante e muito interessante. Ainda mais, apresentar a epistemologia Bantu e a natureza do sábio com base na ontologia Bantu pode abrir novas fronteiras em relação à teoria do conhecimento. A importância interna do desenvolvimento do debate sobre a filosofia africana poderá se encontrar na elucidação de temas tenebrosos como magia, feitiçaria, respeito pelos antepassados, totemismo e outras práticas culturais impenetráveis e impenetráveis pelo *logos* ocidental.

REFERÊNCIAS

- GRAYLING A. Clifford. *The History of Philosophy*. New York: Penguin Press. 2019.
- HEGEL, George. *The Philosophy of History*. Trans. J. Sibree. New York: Cosimo, Inc. 2007.
- HUME, David. *Essays: Moral, Political and Literary*. New York: Cosimo, Inc. 2007.
- KAGAME, Alexis. *La philosophie Bantu comparée*, Paris: La Présence Africaine, 1976.
- MAKUMBA. M. Maurice. *Introdução à Filosofia Africana: passado e presente*. Trad. Mario de Almeida. Luanda: Paulinas. 2014.

KANT, Immanuel. *Observation on the Feeling of the Beautiful and Sublime and Other Writings*. Org. Patrick Frierson et al. Cambridge: Cambridge University Press. 2011.

TEMPELS, Placide. *A Filosofia Bantu*. Trad. Filomeno Lopes. Luanda: Paulinas. 2018.